

DIÁRIO

DO FIM DO MUNDO

DINHA



Diário do fim do mundo

Dinha

Edições Me Parió Revolução

São Paulo

2020

Diário do fim do mundo

Dinha

FICHA TÉCNICA

Projeto Gráfico: Edições Me Parió Revolução

Capa: Sandrinha Alberti

Concepção Editorial: Fabiana Luz, Fernanda Mithie, Célia Reis, Gláucia Dantas, Dinha, Sandrinha Alberti e Fernanda Stephanie

MOTA, Maria Nilda de Carvalho. Diário do fim do mundo. São Paulo: Edições Me Parió Revolução, 2020. 87p.

1 . Literatura brasileira 2. Literatura feminina 3. Literatura Negroperiférica 4.Literatura Marginal/Periférica 5. Dinha

ISBN: 978-65-992280-0-1

Todos os Direitos NÃO estão reservados. É livre a reprodução parcial ou total. Por favor, cite a fonte.

Este livro é dedicado às **111** pessoas que apoiaram a campanha de financiamento coletivo Conexões contra o Covid - Projeto que trouxe internet para centenas de famílias do Fundão do Ipiranga, com apoio do Matchfunding Enfrente.

Para Igor, Rogério, Guilherme, Ângelo, Tadeu e tantos outros meninos que perderam suas vidas para o terrorismo de Estado.

Para as vítimas da Covid-19 e do
desgoverno brasileiro.

Para todos e todas que insistem
em sobreviver, apesar do projeto
genocida que desfalca famílias
negras e indígenas há séculos.

Para o Clã de Mestre Panca:
minha família.

Apresentação

*Diário do fim do mundo: um teste em
tempos de pandemia*

Diário do fim do mundo, da poeta Dinha, é um diário de busca. De busca de uma poeta por uma escrita não poética. É um diário de busca de uma prosa não fraturada a partir de uma escrevivência atravessada pela fratura. E essa poesia que vira prosa acaba alcançando um tom nada íntimo. O gênero diário, ligado à reflexão sobre os interstícios do

cotidiano que não tiveram tempo para as palavras, aquilo que não termina de ser dito em nenhum outro lugar, e que é uma forma de salvação do não nomeado, termina aqui elevando a cotidianidade a uma dimensão de história: história da pobreza, história da violência policial, história do racismo, história da pandemia se espalhando pelos bairros, história do fim do mundo.

Este é um diário de busca, também, por achar palavras para o

incompreensível perante tanta morte que não permite pensar no futuro.

O gênero diário, geralmente ligado à escrita do sobrepeso da vida, aprofunda neste caso ainda mais a sensação de encerramento numa escrita que tenta falar da vida mas sempre acaba falando, inevitavelmente, da morte. Mas é um diário que se permite, também, momentos de profunda leveza, nos quais o sobrepeso do dia a dia se dispersa como a poeira de uma casa

em construção, e alcançam a se ouvir o riso das crianças, a música ecoando, uma mulher amando feito uma maluca, a alegria de uma campanha de arrecadação bem sucedida, de um teste com resultado negativo.

Diário-teste, que testa as bordas da prosa, os limites da morte e da vida, as sensações que, como um cotonete, atravessa até garganta.

Lucía Tennina

Buenos Aires, setembro de 2020

Prefácio

A escrita de Dinha é um testemunho mais do que literário, é um relato necessário. É a escrevivência de que fala Conceição Evaristo, é o relato pungente de quem vive às margens, não do Ipiranga – ainda que no fundão do Ipiranga –, mas de quem vive à margem dos inconfessáveis privilégios brancos.

Dinha, a poeta, a narradora vive às margens, mas no olho do furacão desta maldita pandemia, que já escolhe cor, classe e gênero. Na roda-viva do genocídio perpetrado pelo maior criminoso que já ocupou a presidência do Brasil – e não foram poucos os carrascos que dirigiram o país.

A literatura de Dinha é do mais alto nível técnico e estético, mas que está imersa até o pescoço

na realidade. É uma literatura que extrapola a escrita, que se quer transformadora da própria realidade. Portanto, é também uma literatura ética.

Logo no início deste diário, Dinha explica que o texto se fez para cumprir uma promessa dela. Uma dívida para com quem contribuiu com a campanha Conexões contra o Covid, que pretende instalar internet nos barracos da favela.

Mas este diário não se limita a um relato burocrático ou enfadonho. Em sua escrevivência, Dinha nos traz a angústia dos que não têm como fazer quarentena, o medo da morte, as perdas, não só para a epidemia, mas também para o extermínio do Estado policial. Mas traz também a força dos recomeços – a casa nova –, a solidariedade dentro da carência, que sempre encontra o que

partilhar. E esperança, a esperança ativa de que fala Paulo Freire.

Dinha erige sua literatura não por diletantismo ou prazer estético, ou mesmo por uma necessidade irreprimível de expor a própria subjetividade. Sua literatura, desde os poemas “De passagem mas não a passeio”, se ergue, ganha corpo, diz, grita e denuncia a partir de um profundo compromisso social.

Um compromisso com a vida!

Alex Criado
Salamanca, Setembro de 2020

Segunda-feira, 18 de maio de 2020

Justo na minha vez? O mundo tinha que acabar justo na minha vez? A minha mais velha pergunta todo dia e eu rio. Rio do desespero dela, rio porque me desespero. Rio porque o mundo acabou muitas vezes enquanto eu era menina.

Acabou.

Acabou.

Simplesmente acabou.

Mas eu continuei aqui.

Por quê?

Não sei. Suspeito que sou ruim. Suspeito que sobreviver pode ser um castigo quando a gente não tem certeza de pra que chegou a esse mundo. Suspeito.

Ontem completou um mês desde que foi decretado o “isolamento social” na cidade de São Paulo. Desde então tenho tentado viver entre quatro paredes. É... tentado...

Fui bem por algum tempo, saindo de casa apenas pra alguma comprinha mais essencial.

Mas aí, no dia 02/04/2020 (gosto desse repeteco vinte vinte), morreu o Igor. Morreu matado o garoto que até ontem brincava com as minhas meninas, mas que se afastou porque já tava grandinho e interessado nas outras da mesma idade que ele.

Como a Ana Paula estava com Covid, querendo morrer no lugar do filho - e não morria -, fui até ela.

Talvez eu também quisesse morrer. Fui ao hospital onde o Igor foi levado depois de o

PM atirar nele em plena luz do dia.

Tudo o que eu tinha era um abraço pra ela.

Eu dei.

Depois fiquei com medo de repassar Covid pras minhas filhas.

Depois fiquei com certeza de que eu passaria.

Depois eu fui ao velório e insisti (por dentro) pra que deixassem abrir o caixão lacrado.

...

Depois eu voltei pra casa pensando que tinha, dessa vez, com certeza, pego a tal da

Covid.

Depois eu fiquei preocupada de não passar
pras minhas filhas.

Depois eu relaxei.

...

Eu não vejo jornal.

Minha mãe sabe das coisas muito mais do
que eu porque eu não vejo os jornais.

Hoje, um mês depois do início do fim do
mundo, tudo o que eu quero é já ter
sobrevivido.

Ter sido infectada.

Ter infectado toda a minha família. E termos sobrevivido.

...

Deve ser porque eu sou ruim.

...

Mas a razão deste diário - esqueci de contar - é que eu prometi entregar um livro eletrônico a cada pessoa que contribuísse com a campanha que estou puxando: Conexões contra o Covid.

Quero instalar internet gratuita nos barracos da favela porque navegar não é muito

preciso, mas viver pode ser que sim.

Então vou escrever esse diário, depois corrigir, diagramar e distribuir.

Só tem um problema... eu prometi um livro de prosa e aqui.....

Terça-feira, 19 de maio de 2020

Amanhã vamos ao DHPP (Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa), no centro da cidade, pra ver no que vai dar a denúncia contra os assassinos do Igor.

Deve ser por isso que eu tô nervosa, com o maxilar doendo e vontade de abrir o peito e pôr pra fora o sal.

A certeza de que não vou dormir também deve vir daí...

E se eu tô assim, imagina a Ana Paula...

Disse que no lugar onde ele caiu ainda tem a marca do sangue.

Nem chuva lavou.

Nem chuva.

...

De ontem pra hoje tive medo da morte. Certeza de que ela vinha buscar ao menos uma das minhas filhas.

...

De ontem pra hoje tive certeza de que tenho Covid.

De ontem pra hoje oito pessoas apoiaram as Conexões contra o Covid.

De hoje pra amanhã só clonazepam me segura.

Quinta-feira, 04 de junho de 2020

Mãe,

as orações não bastaram.

...

Devo pensar nesse tempo como um filme.

Acaba. Ou a gente pode interromper antes do fim.

Sábado, 13 de junho de 2020

Escrever diário é difícil.

Voltei agora ao início da minha adolescência. No fundo percebi porque não dei sequência aos meus diários: eu, quase Anne Frank da favela. Menina enjaulada pelo machismo, racismo e classe social.

Não tenho vocação para a prosa. Minha dor é pungente e só admite elaboração circunstancial.

Se eu escrevo é porque a dor é maior que

os sentidos.

Nesse estado, a prosa com suas sequências não expõe devidamente as minhas fraturas.

Ou eu que não sei escrever....

...

Às 02:41 da manhã quero a morte.

Amanhã, só amanhã é que vou tentar viver.

...

Mas que direito eu teria de desejar a morte quando tanta gente morre ainda com vontade de viver?

Domingo, 14 de junho de 2020

Não vejo os jornais, vcs sabem. Mas sei das mortes. Sei da PM que nos mira e nos envolve nas suas teias de não viver.

Eu queria que a vida fosse suave.

Eu queria escrever um diário.

Eu queria detonar orgasmos.

Mas a pequena do meio tem crises de sonambulismo.

Segunda-feira, 15 de junho de 2020

Porque será que não consigo engatar uma conversa por escrito aqui que não termine em versos? Tenho a sensação de que o que sou é incompetente mesmo... não pode ser possível que eu não consiga conversar comigo mesma, nesse diário eletrônico que digito sem amor no *google docs*, sem descambar pra poesia. Deveria ser bem simples: abro o computador, conto como foi meu dia - afinal... isso é um diário - e

pronto! missão cumprida.

Tá mais pra “missão cumprida” mesmo.

...

Olha, não é que eu desgoste de escrever.

Na verdade, eu sonho com o dia em que vou escrever longos romances, pequenas histórias arrebatadoras e um milhão de crônicas.

Também sei inventar histórias: minhas filhas sempre me pedem pra contar as mesmas - a da família de gatos que criou uma autoescola só pra felinos, aquela minha

versão do clássico da menina que beija um sapo e vira uma perereca a do... bom... na verdade, são só essas duas, porque as outras eu conto e depois esqueço.

Eu invento na hora as histórias. Invento como quem faz versos e, se não escreve logo, acaba perdendo.

Vocês já devem ter ouvido histórias de poetas que escreveram em pequenos pedaços de papel: higiênico, de pão, guardanapo, jornais... Pois é. É que quando os versos vêm, ou a gente segura,

aprisionando-os no papel, ou eles seguem seu curso rumo ao inimaginável. Com as histórias também tem sido assim.

...

Eu sei. Vocês também devem ter ouvido as histórias de grandes escritoras debruçadas dia após dia sobre seu esqueleto de texto, preenchendo as lacunas, dando vida às personagens, gordura às carnes magras da pouca inspiração...

Eu já ouvi.

...

Disse que o Paulo Lins, pra escrever Cidade de Deus praticamente se isolou numa ilha.

Meus colegas escritores e escritoras, alguns, têm até horários pra sentar a bunda e fazer o que for possível.

Eu sei de quase tudo.

Eu só não consigo (!).

Sexta-feira, 19 de junho de 2020

Há muitas razões pra ficar feliz, mas a gente escolhe ficar sofrendo.

Bom, não é bem uma escolha... são sinapses, ideologias, dores de classe e agonias entranhadas tão bem que, quando a gente percebe, ao invés de sorrir com as alegrias, tá chorando as perdas (sejam elas reais ou imaginárias).

Reparem: a campanha que motiva este livro foi muito bem sucedida: aos quarenta e

cinco do segundo tempo o jogo virou e as contribuições subiram de vinte e dois mil reais pra mais de trinta. Isso tudo no intervalo das cinco horas restantes para o fim do mundo... quer dizer, da campanha.

Fiquei tão feliz que nem me cabia! E não parei pra escrever este diário!

Fiquei feliz e amedrontada, lógico!

Isso porque eu sinto que não fazer nada, deixar a vida planar conforme o vento, embora não pareça, é difícil e ruim - ao menos pra mim -, mas propor campanhas,

executar projetos, sonhar, realizar coisas é algo assustador e, às vezes eu preferia nem sonhar, só pra não correr o risco de ter o desejo frustrado.

Mas, como eu bem parafraseio o verso de Drummond “amar se aprende amando” (a pessoa aqui se cita....rsrsrsrs), no livro Zero a zero: “Se frustrar se aprende/frustrando-se”. Pois bem. Parei pra escrever porque me sinto frustrada.

Não com a campanha. Ela me trouxe alegria.

Me sinto frustrada porque tenho um milhão de coisas pra fazer e fico me prendendo a detalhes do tipo: eu não tenho uma casa pra morar com as minhas filhas e não tenho um nome limpo na praça pra alugar uma. Daí preciso pedir ajuda às outras pessoas. Pedir ajuda expõe minhas fraquezas que, como todo mundo, também quero manter escondida ao máximo. Por isso me sinto frustrada: quero ser uma mulher forte. Quero ser vista como uma supermulher - e me vejo obrigada a pedir ajuda.

Eu peço. Mas sofro.

Peço e me sinto envergonhada.

Peço e me arrependo.

Peço e desejo em seguida não ter pedido.

Peço e queria não precisar pedir.

Peço. Mas não queria.

Se frustrar se aprende.

...

Vida que segue.

Sábado, 04 de julho de 2020

Essa história de ser poeta e não aprender a amar não sei se me cabe. Eu sou poeta e amo feito uma maluca.

Gosto de amor que seja sereno, mas também gosto daquele que é encantado e suspende o tempo, me faz querer largar o mundo e segui-lo feito igreja. Gosto do amor religioso, que me põe em transe por anos e anos. Me fecha os olhos, me beija a boca, flutua em mim como se meu corpo

fosse em baixa gravidade e tudo então ficasse suspenso.

Eu sou poeta e amo.

Talvez não ame direito, é verdade. Talvez minha entrega abra brechas pra outras dores e diante do amor eu fique mais entregue do que os outros homens e mulheres que conheço. Essas sim: amam e se mantêm pé no chão. Sem gravidez. Sem gravitação. Amam e preservam seu espaço. Amam e mantêm seus olhos, suas pernas, seu batom.

Eu não.

Eu me jogo qual se o mundo fosse o hoje e amanhã é só um sonho guardado no peito e vai doendo com vontade de existir. Isso quando eu paro e penso.

Se não, amor pra mim é só mesmo o presente.

...

(E ontem a vida era uma serpente e amanhã ninguém sabe se será.)

Eu sei amar.

Só não sei amar direito.

Sexta-feira, 10 de julho de 2020

Muitas coisas aconteceram nos últimos dias, mas agora, perto das 11hs da noite, enquanto assisto "The good place", eu só consigo me lembrar de duas: me mudei de casa no último domingo e hoje fiz o teste de coronavírus.

Finalmente, graças à ajuda da Sandrinha e de outras amigas eu consegui alugar uma casa.

Fica no Mutirão Jardim Celeste, na

Travessa Recanto dos Pássaros.

A casa é muito bonita e tem um quarto enorme pras meninas. Ficamos bem felizes de finalmente termos um cantinho nosso e, eu, um lugar pra trabalhar.

Durante a semana o Dono da casa, gente boa, ficou terminando detalhes na lavanderia: piso, revestimento, essas coisas.

Então ficou tudo muito empoeirado esses dias, mesmo com as meninas empolgadas limpando tudo.

Daí todas nós começamos a espirrar bastante, meus olhos lacrimejando e a voz de resfriado.

la tudo bem até que vieram as notícias de que algumas pessoas na família estavam infectadas com o coronavírus: minha cunhada - que trabalha em hospital- e meu cunhado - que não sei com o que trabalha.

De qualquer forma, tive contato com ambos (nada muito próximo, é verdade, mas tive). Então há uma chance de não ser só reação alérgica à poeira e fui me

consultar no AMA Parque Bristol.

Depois de três horas de espera, passei na consulta e fiz o teste swab. Aquele que enfiam um cotonete na suas narinas até alcançar a garganta. Doeu.

Saí com uma receita de azitromicina e paracetamol, mas não tinha nenhum dos dois na farmácia da UBS. Significa que vou ter que sair pra comprar.

Diz que o resultado que vai me dizer se estou doente disso ou não sai no início da semana. Esperemos.

Minha família, de um modo geral está bem.

Minha mãe está bem.

O ruim é só mesmo a ansiedade pelo resultado. E ter que fazer tudo de forma remota.

Ainda bem que não me falta o que fazer em casa.

Ainda bem que tá tudo bem.

Que assim continue.

Esperemos.

Diário de início de mundo

No princípio era o verbo
rolando na sala vazia.

Domingo, 12 de julho de 2020

Hoje eu resolvi mudar a chave, porque eu me cansei dessa acabação de mundo.

Tem dias que tudo o que eu queria era um fim drástico, pacífico e indolor... mas, já que o mundo não se acaba e eu posso morrer à vontade que ainda continuo na humanidade de quem fica, cansei de morrer de medo.

Se é pra morrer, que seja, então, de vida.

Daí que virei a chavinha e este diarinho agora passa a narrar o começo do mundo.

Não sei se vai ser bom ou tranquilo. Quais terremotos ou eras glaciais vão moldar nosso novo jeito de existir. Mas escrevo e isso me tranquiliza.

A morte já pouco me assusta, embora me entristeça muito, ainda - a dos outros, não a minha.

Mas hoje é domingo e o mundo começa de novo.

...

Nas palavras de Tassyla Queiroga:

Não há nada melhor
ou mais urgente
a ser feito
senão tomar sol
na faixa de areia
que surge
antes do tsunami

Sábado, 18 de julho de 2020

Então ontem eu sonhei que lutava com zumbis. contei pra um amigo. Ele riu e me disse que eu deveria contar isso no meu diário, de preferência com riqueza de detalhes, pic filme de hollywoody. Mas eu não tenho essa mão.

Hoje sonhei com um poema: que os versos ficavam se repetindo na minha cabeça, loucamente, e eu demorava pra perceber que aquele repeteco na memória eram

versos praticamente prontos, se me entregando. Me lembro do poema estar tão inteiro e repetitivo, que eu não me preocupava muito em anotar.

(No mesmo sonho, minha gatinha Sombra, havia feito cocô fora da caixa e estava um cheiro horrível. Fiquei brava, limpei, mas o odor permaneceu tão forte que, quando levantei, fiquei surpresa de não ser verdade e a caixinha de areia estar, inclusive, limpa).

Resultado: acordei sentindo cheiro de fezes

de gato e me esqueci do poema.

E eu teria ficado feliz de receber um poema assim, de graça.

...

Prometi não falar de morte. Vai ver por isso fiquei quase essa semana inteira sem escrever. Amanhã já é domingo de novo e eu não havia escrito uma linha (até hoje).

Pois bem. Meu teste de Covid-19 deu negativo - e o swab de nariz é considerado “padrão ouro”, dizem as reportagens. Então, meus sintomas provavelmente eram

apenas alergia à poeira da casa nova. Fui limpando. Preciso de um aspirador de pó.

Entretanto, um dos meus sobrinhos - tenho muitos, cerca de 19, vivos (entre meninos e meninas) - foi internado no Hospital Ipiranga há uns quatro dias. Ele apresentava sintomas como vômito, diarreia, perda acentuada de peso, falta de ar e um peso do lado esquerdo do peito. Na terceira ida ao médico, após teste de Covid e exame de sangue, foi internado com diagnóstico de Diabetes tipo 1.

Infelizmente não podemos lhe fazer visitas, nem mesmo para olhar nos olhos da equipe médica e intuir se o estão tratando bem, se o prognóstico é bom ou quanto risco de morte o bichinho corre. Vinte e poucos anos ele tem.

Eu prometi falar da vida.

Nada vai lhe acontecer, mas se, falarei da vida dele.

No mesmo dia em que ele foi internado nasceu meu décimo terceiro sobrinho neto.

Sim. Minha família repõe não apenas as

perdas, ela traz pessoas ao mundo também como forma de prevenção ao nosso extermínio. Vai por isso que o Clã de Mestre Panca é tão gigante, mesmo se a gente não conte os e as agregadas.

Italo Leonardo, bem vindo ao mundo.

Domingo, 09 de agosto de 2020

Repara, gente... quando eu resolvo falar de vida... a inspiração morre...

haja melancolia pra carregar no peito!

...

Não sei se eu quero pagar o preço da escrita. Se for preciso sentir tristeza pra ter inspiração, acho que vou passar meu cargo de aspirante a prosadora pra quem estiver na fila. Eu preferia só viver a vida mesmo. Ou fazer como Fernando Pessoa... fingir tão

completamente que chega a fingir que é dor a dor que na verdade sente...

Eu entendo isso aí como a ficcionalização da própria dor... mas eu queria isso num nível mais elevado: tipo: aperto um botão: fico triste: aperto outro: escrevo: outro: passou. E deixar só a literatura escorrer sem vida pelas gargantas.

Vejam bem: meu sobrinho nasceu e eu só contei porque tava com medo de ele ter vindo ao mundo só pra substituir o outro que estava à beira da morte.

Os dois estão vivos e bem. E eu escrevi sobre isso? Não.

...

Hoje nasceu mais uma bebê na família... até postei no meu status do whatsapp... se chama Maysa e é a segunda filha de uma das minhas sobrinhas (tenho 12 delas). Fiquei feliz, pois é linda e veio com saúde. Mas não me movi a contar.

Agora à noite, no entanto, eu tava me sentindo mal... tensa... triste... sem razão... sem nenhuma razão...

Trabalhei boa parte do domingo, tentei ver filmes no computador (procurei novidades de ficção científica e distopia), comi, descansei... e a angústia continuava...

Chegou então a notícia de que mais um jovem foi abatido pelos cavalinhos do apocalipse. Aconteceu por volta das 18hs próximo ao CEU Parque Bristol - escola onde eu dei aula até ano passado. O rapaz estava comemorando seus 19 anos. Vinha de moto quando a polícia atirou: um tiro que vazou o estômago e acertou em cheio seu

coração.

Havia câmeras de segurança no local e elas flagraram o momento em que o rapaz foi atingido. Pelos flashes, parece mesmo que foi à queima roupa.

Esse menino - eu não sei, não quero, mas provavelmente vou ter que saber - tem grandes chances de ter sido meu aluno.

Rogério...

Se for isso, não terá sido o primeiro. Mas eu, besta, ainda torço para que seja o último.

Faz tempo que cansei de enterrar as crianças, mas o Estado Genocida continua a me obrigar a frequentar velórios e corações mutilados.

...

Dias atrás eu levei um baita susto. Meu irmão estava aqui em casa me mostrando umas músicas novas e, como é comum no Rap, começou a citar nomes de finados. Sem tempo pra qualquer raciocínio lógico, meu coração disparou e eu tive certeza absoluta que ouviria meu nome seguido de

um “PRESENTE!”.

Contei, ele sorriu e me disse Deus me livre!

...

No dia 02/08 nos organizamos aqui, junto com a Rede de Proteção e Resistência ao Genocídio e fizemos um ato em memória do Igor - aquele menino de 16 anos que foi assassinado pela polícia há quatro meses atrás. Aquele mesmo que acompanhei a família ao DHPP pra depor contra os coxinhas.

Gostaria de falar sobre o Igor. De como ele

era uma criança meiga e gentil, de como gostava de brincar com minhas filhas, de como, sem querer, prevíamos que seu futuro - de menino negro e pobre - talvez não fosse tão longo quanto gostaríamos, quanto ele merecia...

Mas eu prometi não falar mais de morte.

E eu não consigo.

...

Então, encerro esse diário por absoluta incapacidade de escrever sobre a vida que não doa.

O diário acaba por aqui, mas o mundo, a vida que nos desafia, afinal, essa continua.



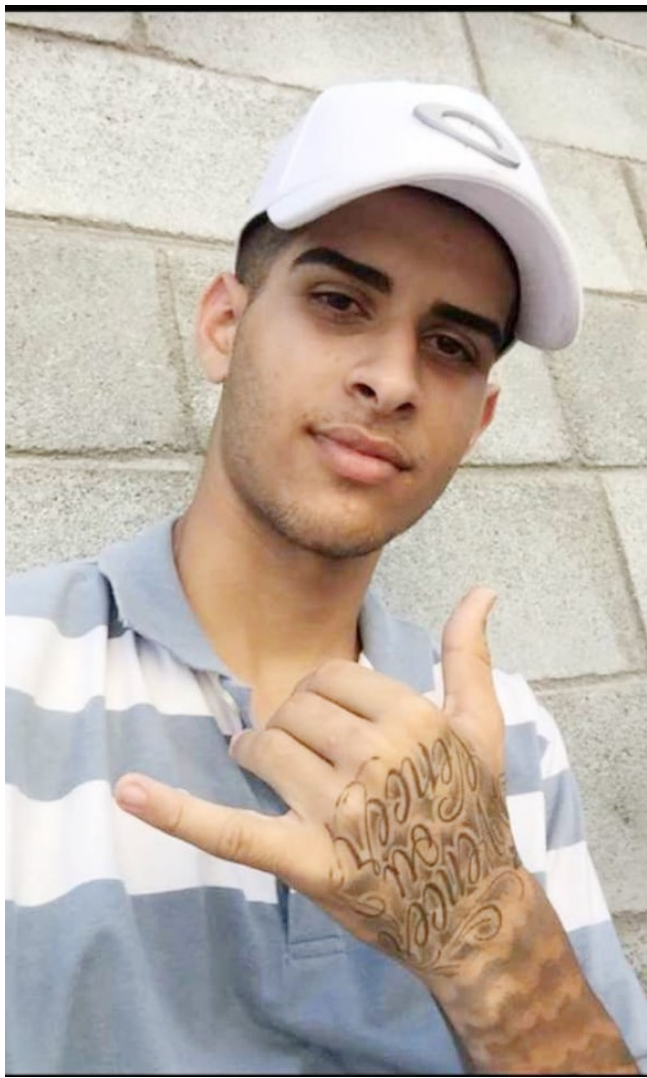
Igor no passeio (2010). Foto: Du



Igor (2020). Foto: Acervo da família



Ato:
Justiça
Por Igor.
Acervo
Pessoal



Rogério.

Foto:

Acervo
da
família.

Ato:
Justiça
por
Rogério.
Acervo
Pessoal





Ato:
Justiça por
Guilherme.
Acervo
Pessoal



Janela
de casa



Italo com sete dias. Foto: Acervo da família



Maysa com sete dias. Foto: Acervo da família

Matheus.

Foto:

Acervo
da família



Sobre a autora



Dinha - Maria Nilda de Carvalho Mota nasceu em 1978, na cidade de Milagres (CE) e veio para São Paulo no ano seguinte. Menina, migrante, favelada e ávida leitora, aos doze anos de idade começa a escrever um diário que, mais tarde, se evoluiria para o gênero poesia. Aos 20 anos ingressa no curso de Letras da Universidade de São Paulo e participa da fundação do coletivo político-cultural Posse Poder e Revolução. Em 2013, funda o coletivo editorial de mulheres

negroperiféricas Edições Me Parió
Revolução. Seu primeiro livro, “De
passagem mas não a passeio” foi
publicado de forma independente em 2006
(Edições Toró) e, atualmente, faz parte da
Coleção Literatura Periférica da Global
Editora (2008). Dinha é educadora, ativista
contra racismo, liderança comunitária e
articuladora da Rede de Proteção e
Resistência Contra o Genocídio. Entre 2011
e 2017 tornou-se mestre e doutora em
Estudos Comparados de Literaturas de

Língua Portuguesa, editora independente e autora de sete livros, dentre eles o “Onde escondemos o ouro” (2013), “Zero a zero: 15 poemas contra o genocídio da população negra” (2015), “Maria do Povo/María Pepe Pueblo” (2019) e “Diário do fim do mundo” (2020). Em 2019 foi homenageada pela EMEF Cândida Dora Pretini, tornando-se patrona da sua Academia Estudantil de Letras. De acordo com a professora e pesquisadora Heloisa Buarque de Holanda, depois de Conceição Evaristo, daqui a vinte

anos, Dinha será a próxima mulher negra e periférica a ser homenageada pela Feira Internacional do Livro de Paraty (FLIP).

Edições Me Parió Revolução

Me Parió Revolução Em 2013 nasce mais uma personagem na cena cultural e política da cidade de São Paulo, é a Me Parió Revolução, o selo editorial da Rede Poder e Revolução. Idealizado e executado por mulheres, o selo se propõe a editar livros “semiartesanais, bonitos de encher os olhos e a alma, mas sem esvaziar os bolsos”. A intenção é promover a leitura, e incentivando autores e autoras estreantes

ou não a publicarem seus textos de forma independente. O grupo disponibiliza gratuitamente e-books em seu portal, e a venda dos impressos custeia, novas publicações e algumas das ações da Posse Poder e Revolução.

Me Parió Revolução: Literatura, Crítica, Artes, Política e algo mais

Para acessar nossos livros

Site:

www.mepario.com.br

Facebook:

<https://www.facebook.com/mepario>

Instagram:

@me.pario

